

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**BARBARA CRISTINA PARDO**

***O CORTIÇO* (1890): ENTRE DETERMINISMOS E  
EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS**

**SÃO PAULO**

**2020**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**BARBARA CRISTINA PARDO**

***O CORTIÇO (1890): ENTRE DETERMINISMOS E  
EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de bacharel em História da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olga Brites

**SÃO PAULO**

**2020**

“O historiador e o poeta não se distinguem um do outro pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso. Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.”

Aristóteles. *Arte Poética e Arte Retórica*, 1964.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à Deus, aos Orixás e a minha espiritualidade por me ampararem em todos os momentos, sem eles ao meu lado nada disso seria possível.

À minha mãe, Maria Cristina, pelo apoio, cuidado e ajuda. Sua relevância nessa jornada é tanta que nenhuma palavra seria capaz de agradecer o suficiente.

Ao meu amor, Luiza Gaio, por suas palavras de incentivo e demonstrações de carinho que não faltaram nenhum dia sequer, também por ler a minha pesquisa inúmeras vezes e me inspirar como profissional.

À Professora Olga Brites por ter me orientado com tanto carinho e dedicação. Em meio a um ano tão complicado como 2020, sua ajuda, incentivo, disponibilidade e compreensão foram fundamentais para a execução desse trabalho.

Ao professor Marcos Antonio da Silva por ter se disponibilizado a ler e fazer apontamentos durante a realização do presente artigo, agregando de maneira mais do que positiva.

Aos professores do curso de História da PUC-SP por me proporcionarem aprendizados essenciais para minha formação acadêmica, guardarei os momentos vividos na graduação com muito carinho.

A todos os colegas e amigos que fizeram, de alguma forma, parte dessa jornada de muito aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

**Resumo:**

Este artigo tem como objetivo apresentar um diálogo do livro *O cortiço* (1890) com o cientificismo oitocentista, cujo o eixo principal é composto por ideias de cunho determinista. Minha proposta é trabalhar na maneira em que o autor, Aluísio de Azevedo, constrói o seu enredo tomando como base esse tipo de ideia, identificando também problemáticas sociais e estruturais vividas pelo Rio de Janeiro, capital do Brasil, na segunda metade do século XIX, focando, principalmente, no personagem Jerônimo, imigrante português que sofre uma decadência ao longo do livro por influência direta da natureza.

**Palavras-Chave:** O cortiço; Aluísio de Azevedo; Cientificismo; Determinismo

**Abstract:**

This article aims to present a dialogue between the book *The slum* (1890) and the eighteenth century scientificism, whose main axis is composed of deterministic ideas. My proposal is to work on the way in which the author, Aluisio de Azevedo, builds his plot based on this type of idea, also identifying social and structural problems experienced by Rio de Janeiro, the capital of Brazil, in the second half of the nineteenth century, focusing mainly on the character of Jerônimo, a Portuguese immigrant who suffers a decadence throughout the book due to the direct influence of nature.

**Key-words:** The slum; Aluísio de Azevedo; Scientificism; Determinism.

## 1. Introdução

*O cortiço* (1890) é considerado por grandes críticos literários e estudiosos, como Antonio Candido e Alfredo Bosi, um marco na literatura brasileira, devido ao fato de trazer ao Brasil, inspirado em autores europeus, o Naturalismo. É dentro da corrente naturalista que Aluísio de Azevedo se identifica como escritor, tendo em vista que a mesma trazia à tona para sua escrita a influência do meio como força determinante e esse meio, como influência, era constantemente tema de debate dentro da ciência e do universo intelectual brasileiro<sup>1</sup>. Aluísio de Azevedo é claramente inspirado na obra *L'Assommoir* (1877) do autor francês Émile Zola, não só por conta do Naturalismo, mas pela decisão de também evidenciar a vida de trabalhadores e pobres; apesar disso, Aluísio não deixa em nenhum momento de fazer uma interpretação da realidade em que vivia, referindo-se sempre a experiências concretas do cotidiano brasileiro, tanto social como cultural e também econômico.

Este trabalho, cujo objeto de estudo será o livro anteriormente citado, entretanto, não terá como finalidade estudar os aspectos literários do mesmo, mas sim buscar e trazer evidências de seu diálogo com a ciência da época. Pretendo também apontar elementos políticos e sociais que podem ser identificados no livro. Todos esses itens são fundamentais para que possamos ter um entendimento mais amplo de *O cortiço* (1890), tendo em vista que a ciência foi algo marcante no século XIX e no Brasil, como constata Agibert<sup>2</sup>, o avanço tecnológico se torna um dos objetivos da ciência no decorrer do século XIX e o ideal de progresso era extremamente forte, algo que se manifesta no Positivismo e tem uma ampla aceitação brasileira.

Em nenhum momento da obra, Azevedo coloca datas em seu livro; entretanto, por conta dos tópicos que aparecem em sua narração e data de publicação, 1890, podemos estimar que o livro tenha sido escrito na década de 1880, período de grandes transformações e tensões político-sociais no cenário brasileiro, dentre elas o aumento da população, incentivo à imigração, o início

---

<sup>1</sup> CANDIDO, 1991, p. 128.

<sup>2</sup> AGIBERT, 2010, p. 1.

das leis<sup>3</sup> que precedem a abolição da escravatura e a urbanização<sup>4</sup>, além, obviamente, já dos debates em torno do republicanismo. É nesse período em que, principalmente devido ao desmedido aumento populacional, começa a crescer também o número de desempregados e pessoas em situação de subempregos, tidas essas pessoas como malfeitores e vadios pelo governo e pela elite. É importante ressaltar que a imigração é um fator relevante no que se trata desse aumento populacional, tendo em vista que ocorreu simultaneamente ao processo de abolição da escravatura. Em consequência também do aumento populacional, se inicia um problema de moradia, ou melhor dizendo, a falta de moradia, ocasionando no surgimento de moradias precárias: os cortiços<sup>5</sup>.

Como veremos ao longo do trabalho, a questão científica entra como elemento fundamental para a estruturação de políticas públicas e, é importante ressaltar, que, nesse contexto, a ciência se refere à ideais pautados, principalmente, na Eugenia e no Evolucionismo, algo que também será discutido adiante. Dessa forma, estudo sobre *O cortiço* (1890) se torna importante não somente por ele trazer o Naturalismo para a literatura brasileira, mas também pela maneira que os princípios científicos, indireta ou diretamente, aparecem estruturados dentro da construção do romance, princípios esses que passavam não só pela elite intelectual, mas também pela sociedade mais ampla. Aluísio de Azevedo, em seu romance, utiliza as leis da natureza como algo que dita a maneira de se relacionar dos seres humanos, dentro de um espaço, o cortiço, onde convivem os mais diversos tipos de pessoas os mais diferentes sujeitos. Desde seus comportamentos mais simples como se levantar pela manhã, como podemos verificar no trecho abaixo, até suas atitudes mais complexas como a paixão, que iremos observar mais adiante, os problemas são movidos para perspectivas imensas e não controláveis, como a Natureza e a Raça<sup>6</sup>.

*“O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. [...] ouviam-se gargalhadas e pragas, já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas*

---

<sup>3</sup> Lei do Ventre Livre (1871) e Lei dos Sexagenários (1885).

<sup>4</sup> CARVALHO, 1989, p. 16 e 17.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>6</sup> CÂNDIDO, 1991, p. 120 e 121.

*rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.”<sup>7</sup>*

Concentrei minha análise do romance no personagem Jerônimo, imigrante português que vem ao Brasil com sua esposa também portuguesa, Piedade. A escolha desse personagem se deve ao fato da maneira extremamente clara com que Azevedo descreve sua mudança por conta do meio brasileiro, além do fato de que podemos ver como ele era de início, como se deu sua transformação e qual fim terá o mesmo no romance, entendendo o papel determinante da natureza nesse processo. Dentro da história de Jerônimo podemos enxergar e entender melhor os ideais científicos expressos no livro, principalmente no que diz respeito à degradação do ser humano pela natureza, aspecto que será discutido ao longo deste artigo. Para isso, irei observar a descrição desse personagem ao longo de suas mudanças, entendendo melhor como a natureza aparece e como isso está relacionado com perspectivas apresentadas pela ciência naquele período.

Para atingir o objetivo deste artigo, irei, primeiramente, abordar maneiras de como podemos utilizar a literatura como fonte histórica, apresentando ideias que me ajudaram na análise da mesma, como Nicolau Sevcenko, Alfredo Bosi, Antonio Candido e Roger Chartier. Além disso, apresentarei a vida de Aluísio de Azevedo e sua trajetória, trabalhando em uma perspectiva mais historiográfica, buscando entender elementos que contribuíram para sua visão de mundo, assim como apresentar o diálogo com sua principal influência literária: Émile Zola. Pretendo apresentar também de maneira mais detalhada um pouco do cenário do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e a importância do cientificismo no mesmo, utilizando, principalmente, autores como Sidney Challoub, José Murilo de Carvalho, Lilia Schwarcz e Ricardo Bechelli para trabalhar essa questão. Assim, passando por todos esses elementos, a comunicação com a fonte se torna mais abrangente e completa para o entendimento do personagem Jerônimo e sua presença no enredo da obra.

## **2. Um diálogo entre história e literatura**

---

<sup>7</sup> AZEVEDO, 2004, p. 36.

Sevcenko em seu livro *Literatura como Missão* (1983) nos ajuda a compreender de que maneira a literatura pode representar uma realidade social e como podemos usá-la como fonte histórica. Segundo Sevcenko<sup>8</sup>, a linguagem é componente de toda e qualquer tipo de atividade humana e, sendo assim, produzida pelas relações que os homens têm entre si e também com sua realidade. Ainda para ele<sup>9</sup>, a linguagem quando organizada em discurso consegue exprimir hierarquias, estruturas e valores sociais. A literatura, sendo ela um discurso, inegavelmente pode ser usada como fonte histórica, desde que não se perca o valor da estética e de seus significados dentro da produção discursiva<sup>10</sup>, tendo em vista, principalmente, que a literatura é, acima de tudo, um produto artístico, mas ainda é escrita por alguém que está imerso em valores, ideais, revoltas e normas de seu tempo.

“Fora de qualquer dúvida, a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade de seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?”<sup>11</sup>

Para o historiador literário Alfredo Bosi, é importante ressaltar que não devemos enxergar a obra literária como algo necessariamente contínuo ao momento histórico vivido, ou seja, esse momento histórico não pode servir para engessar o estudo da mesma, pautando isso como “verdadeiras causas que concorrem para determiná-la”<sup>12</sup>, pois assim a obra perde sua especificidade. Bosi, entretanto, não nega a importância do momento histórico, mas diz que, o historiador literário, não deve pressupor que essa ligação é imprescindível e determinante. A obra, dentro de sua individualidade, pode exprimir reflexos, diferenças, problematizações e até mesmo negações sobre normas e elementos de seu tempo.

“Uma história da literatura brasileira que pretendesse ser verdadeira, isto é, fiel ao seu objeto, deveria admitir que os

---

<sup>8</sup> SEVCENKO, 1999, p. 19.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 19 e 20.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> BOSI, 2000, p. 11.

textos dispostos no tempo do relógio não têm nem a continuidade nem a organicidade dos fenômenos da natureza. Os escritos de ficção, objeto por excelência de uma história da literatura são individualizações descontínuas do processo cultural. Enquanto individualizações, podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) quanto variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes no seu tempo.”<sup>13</sup>

Ainda pensando em como a literatura pode estar integrada ao fazer histórico, Antônio Candido<sup>14</sup> diz que a obra literária quando criada, se torna um mundo próprio, pois apesar de utilizar elementos do mundo exterior, faz com que esses elementos adquiram novos significados e transformações. Tendo isso em vista, para fazermos uma análise literária, devemos entender os elementos do mundo exterior que dão sustentação à obra, compreendendo a reorganização deles dentro do mundo interior que foi criado pelo autor. Candido<sup>15</sup> acredita que a Sociologia, e eu aqui também indico a História e outras áreas de Humanidades, devem atuar como disciplinas auxiliares no caso do estudo literário, apenas para esclarecer alguns pontos da obra, assim se supera o caráter mecanicista de entender a obra e o autor como simples refletores da sociedade e de seus valores.

“O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.”<sup>16</sup>

Para Chartier<sup>17</sup>, as representações sociais, inclusive a literatura, mesmo sendo ficcionais, são marcadas por diferentes e complexos interesses sociais até mesmo do próprio escritor, como sujeito social do seu tempo. Por isso, se faz necessário em uma análise literária, principalmente quando a utilizamos como documento histórico, fazer uma relação entre a posição do produtor e

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 11 e 12.

<sup>14</sup> CANDIDO, 1991, p. 111.

<sup>15</sup> CANDIDO, 2006, p. 27.

<sup>16</sup> SAINT-BEUVE apud CANDIDO, 2006, p.27.

<sup>17</sup> CHARTIER, 2002, p. 16 e 17.

receptor daquela escrita, pois nenhum posicionamento é neutro e essa relação revela para nós, historiadores, diversas estratégias, práticas e hierarquias sociais. O documento, portanto, é um monumento<sup>18</sup>, e cabe ao historiador investigar sua construção, sua linguagem e sua intencionalidade.

Não devemos entender *O cortiço* (1890) e nem qualquer obra de corrente naturalista como uma descrição fiel da realidade, como se o autor fizesse uma transposição da realidade para o papel, apesar do movimento dizer que é justamente essa sua proposta. “Num extremo é possível encará-la como duplicação da realidade, de maneira que o trabalho plasmador fique reduzido a um registro sem grandeza, pois se era pra fazer igual, por que não deixar a realidade em paz?”<sup>19</sup> Utilizando o pensamento de Antonio Candido, devemos entender que Aluísio de Azevedo foi procurar em muitas obras<sup>20</sup>, incluindo nas de Zola, referências para criar seu próprio mundo, fazendo com que seu livro não seja um mero retrato da realidade.

Por fim, entendo que a obra literária é algo muito mais além de seu contexto histórico, não podendo ser reduzida e muito menos justificada por ele. Aluísio de Azevedo tinha seus pressupostos, suas ideias, seus valores, assim como também suas inspirações. A autenticidade de toda e qualquer obra literária está na junção de tudo isso, não podendo se negar a importância do cenário onde ela foi escrita, mesmo se esse cenário não esteja presente no enredo, mas submeter a obra a ele muito se perde da sua singularidade e do que aquela obra representa. Se desconsiderarmos que Azevedo se inspira em Émile Zola, por exemplo, estaríamos perdendo o significado completo da obra e de seus elementos.

Por isso, neste trabalho, considerarei o contexto histórico importante, mas não farei a obra refém do mesmo: A obra se utiliza desse contexto e de seus elementos para que ela, enquanto algo que é resultante de reflexões, adaptações, valores e mudanças, crie o seu próprio universo, sendo esse novo universo contribuinte para criação de outro contexto, juntamente com a política,

---

<sup>18</sup> LEGOFF, 1990, p. 545.

<sup>19</sup> CANDIDO, 1991, p. 111.

<sup>20</sup> Antonio Candido cita que as referências de Azevedo abrangem muito mais do que *L'Assommoir*, o mesmo busca referências também em *Nana*, *La joie de Vivre*, *Pot-Bouille* e outros, percebemos aqui uma grande influência da literatura francesa, principalmente de Émile Zola.

com a arte, com as lutas sociais e com outras formas de intervenção. Portanto, a literatura, após recolher elementos da sociedade para a criação de uma obra, os devolve de outra maneira para a mesma.

### **3. A trajetória de Aluísio de Azevedo**

Além das influências literárias das obras de Émile Zola e sua maneira naturalista de interpretar a sociedade, o interesse na realidade material e a utilização de pressupostos científicos dentro do romance, podemos também dizer que a vida de Aluísio de Azevedo contribuiu bastante na maneira em que o mesmo constrói as relações sociais e aborda a moralidade nas histórias de seus livros. Azevedo nasceu em São Luís, capital do Maranhão, em 1857, fruto de uma relação nada tradicional para os moldes da época. Sua mãe, Emília Magalhães, conheceu seu pai, David Gonçalves de Azevedo, após fugir do marido de temperamento hostil e se abrigar na casa de amigos e os mesmos não se casaram formalmente para viverem juntos, sendo alvos de duras críticas da sociedade maranhense<sup>21</sup>.

Apesar de crescer em uma família duramente criticada por seus pais não terem casado formalmente, algo imprescindível para a época, e pela falta de dinheiro para que os filhos ingressassem em uma universidade, sua família era considerada uma das famílias mais cultas de São Luís. Sua mãe era amante de literatura e seu pai, influente comerciante e mais tarde vice-cônsul do Consulado Português e presidente do Gabinete Português de Literatura, facilitaram ainda mais o contato de Azevedo com o idioma francês e com livros dos mais variados assuntos, inclusive revistas científicas, de diversos países europeus<sup>22</sup>.

Importante ressaltar que Aluísio de Azevedo cresceu em uma sociedade escravagista, observando e vivenciando com todo tipo de abuso físico e psicológico contra os escravizados, algo que Azevedo aborda em seu livro *O Mulato* (1881). O Maranhão, cidade em que nasceu e cresceu, era uma província extremamente dependente da mão de obra escravizada, então a elite agrária lutava para que não houvesse a abolição; entretanto, com o fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) retomam-se as campanhas abolicionistas, além da

---

<sup>21</sup> MÉRIAN, 1988, p. 38 e 39.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 46 e 47.

promulgação da Lei do Ventre Livre, ocasionando cada vez mais um ambiente tenso, preconceituoso e discriminatório<sup>23</sup>.

Aos 19 anos, Aluísio de Azevedo embarca para o Rio de Janeiro, capital do país. Seu irmão, Artur Azevedo, já morava há dois anos na cidade e estava consolidando sua carreira como autor dramático, poeta e jornalista, o que facilitou a entrada do irmão em um mundo desconhecido por ele<sup>24</sup>. Nessa mesma cidade, Azevedo passou a ter um contato mais intenso com a vida cultural metropolitana, com políticos, escritores, artistas e intelectuais, ou seja, tinha aproximação com ideais republicanos, abolicionistas e positivistas. Dentre os amigos de Aluísio de Azevedo, podemos destacar três de maior influência: Teixeira Mendes, Lopes Trovão e José do Patrocínio, sendo eles, respectivamente, fundador da Igreja Positivista no Brasil e grande defensor do regime republicano; futuro deputado republicano, e também grande defensor desse regime; e, por fim, um dos maiores jornalistas abolicionistas do país.

O contato com esses e outros intelectuais, assim como a vasta vida cultural da capital, fez com que Azevedo aprofundasse cada vez mais seus conhecimentos na filosofia positivista, com a qual já tinha contato desde o Maranhão, expressando esses ideais em seus poemas e desenhos<sup>25</sup>. Azevedo então, trará, em linhas gerais, os preceitos do positivismo de August Comte em todas as suas manifestações artísticas, principalmente em suas charges e em seus livros, ou seja, ao falar sobre os males que afligiam a capital, como a escravidão, a imigração, os cortiços, as epidemias e a falta de preocupação com a saúde pública, irá estigmatizar todos os tipos de vícios e depravações morais, independente de onde elas se encontram, desde os setores mais altos como o clero, até os setores mais baixos da sociedade, como os próprios moradores do cortiço.

Um exemplo de manifestação artística de Azevedo que podemos citar das vivências da capital brasileira, inclusive para compreender melhor a construção da narrativa de *O cortiço* (1890) mais adiante, é o desenho satírico intitulado de *Trinta Botões*, que realiza a estreia de Azevedo na imprensa ilustrada no Rio de Janeiro, em 1876 para o jornal *O Fígaro*. Nessa charge, Azevedo denunciava os imigrantes portugueses que chegavam ao Brasil pobres, e enriqueciam, se

---

<sup>23</sup> AGIBERT, 2010, p. 8.

<sup>24</sup> MÉRIAN, 1988, p. 95.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 96.

tornando até mesmo nobres, em cima da exploração e da miséria do brasileiro. Essa charge, então, se torna uma representação alegórica de uma espécie de neocolonialismo português. À esquerda, os portugueses aparecem como figuras recém chegadas, usando roupas simples e surradas, entram em uma espécie de casa, onde quem trabalha é um indígena, utilizado para representar o brasileiro, e saem dessa casa, à direita, robustos e com roupagem nobre, mostrando que o que faz os mesmos enriquecerem é a exploração do brasileiro.



*Aluísio de Azevedo, O Fígaro, nº 20, Rio de Janeiro, 15/05/1876*

Aluísio de Azevedo nunca teve uma condição financeira excepcional, como já dito anteriormente, desde seus 12 anos trabalhou para seu próprio sustento em diversos empregos, como caixeiro<sup>26</sup>, despachante de alfândega, guarda-livros, professor particular de desenho, desenhista de jornal, retratista, cenógrafo e até mesmo gerente de hotel, tudo isso antes de seus 20 anos<sup>27</sup>. No Rio de Janeiro, chegou até mesmo morar em uma casa de pensão, na rua Formosa, local esse caracterizado por suas ruínas, sujeiras e forte odor de suor dos operários pobres e trabalhadores braçais que lá viviam; nessa casa de pensão, Azevedo encontrou a matéria prima de suas obras. O contato com a ciência e a medicina, voltada para a psicopatologia também o ajudou, seu amigo e vizinho Alcides Flávio, estudante de medicina, era quem lhe oferecia esses conhecimentos.<sup>28</sup>

Aluísio de Azevedo encontra no Rio de Janeiro, em contrapartida de uma vida cultural e intelectual riquíssima, uma cidade onde os trabalhadores viviam em uma miserável situação, em precárias moradias e eram explorados pela elite,

---

<sup>26</sup> Termo da época utilizado para designar balconista.

<sup>27</sup> AGIBERT, 2010, p. 9.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 11 e 12.

que apenas visavam a sua própria riqueza e seu crescimento. A sociedade que frequentava grandes teatros, cafés, hotéis e lojas de produtos importados era a mesma que dependia, para sua própria riqueza, da exploração da mão de obra escravizada e da mão de obra livre e pobre<sup>29</sup>. Essas classes eram vítimas de um sistema econômico altamente explorador, onde a elite escravagista se esforçava para retardar a abolição da escravidão, pelo fato de a mesma servir para seus próprios interesses econômicos e sociais. É a vida desses trabalhadores e suas complexidades que Azevedo contemplará em suas obras, incluindo em *O cortiço* (1890), tornando visíveis suas relações sociais, raciais e econômicas.

#### **4. Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX**

A segunda metade do século XIX no Brasil foi marcada pelo início de mudanças em seu quadro político-social. Dentre essas mudanças podemos destacar o contínuo desenvolvimento econômico e crescimento das cidades, ocasionando no aumento da ocupação do interior do país, na maior circulação de pessoas, de produtos e de ideias, logo, começa a se evidenciar modificações na mentalidade brasileira<sup>30</sup>. É válido ressaltar que as mudanças ocorridas aqui estavam em conformidade com o que ocorria no resto do mundo, ou seja, crescimento econômico mais centrado nas grandes cidades e na urbanização. Sendo o Rio de Janeiro capital do Brasil, é inegável que essa cidade viveu de maneira mais intensa essas transformações.

As estruturas políticas e sociais do Brasil, naquele momento, estavam sendo amplamente transformadas. 1870 é um ano marcante para essas transformações, pois é nesse ano que se finda a Guerra do Paraguai (1864-1870), causadora de grandes abalos nas estruturas políticas do Império<sup>31</sup>, além de ser o ano que a Lei do Ventre Livre<sup>32</sup> passa a vigorar no país, lei essa que representava um próximo fim do regime escravocrata. Ademais, por conta da constante urbanização e ocupação do centro das cidades, começa a surgir uma pequena classe média urbana, que naturalmente se opunha à elite rural, ainda

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 97.

<sup>30</sup> BECHELLI, 2009, p. 16.

<sup>31</sup> CARVALHO, 1989, p. 18.

<sup>32</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 36.

dependente da mão-de-obra escravizada por conta da produção cafeeira. A monarquia e a escravidão apareciam como instituições arcaicas e atrasadas, representativas de um regime ainda colonial, totalmente o contrário do significado de progresso, conseqüentemente, começa a se criar no país um sentimento antilusitano<sup>33</sup>.

A solução encontrada pelo Estado para o problema da mão-de-obra foi o incentivo a vinda de imigrantes, fator significativo nas transformações político-sociais vividas pelo país. Estima-se que, entre 1872 e 1890, a população do Rio de Janeiro passou de 266 mil para 522 mil habitantes, ou seja, a população da cidade praticamente dobrou de tamanho, fazendo com que a composição étnica da mesma se tornasse cada vez mais diversa, tendo em vista que apenas 45% da população da capital era de fato nela nascida<sup>34</sup>. O desmedido aumento populacional da capital do país acarretou no acúmulo de pessoas em situação de desemprego e subemprego, a estimativa é de que mais de 100 mil pessoas em 1890 estariam sem ocupação de trabalho definida, transitando entre a legalidade e a ilegalidade<sup>35</sup>. Tendo em vista esse desmedido aumento populacional somado à má remuneração dessa população, gera-se um problema com as habitações, ou melhor, a falta delas, restando a esse grupo a opção dos pelos cortiços.

Cortiços são casas de habitação coletiva, em sua maioria são mal construídas e extremamente precárias, sem arejamento e rede de esgoto. No Rio de Janeiro, entre 1850 e 1860, a difusão dessas casas se dá de maneira cada vez mais intensa, fazendo com que os cortiços se tornem elementos importantes da vida urbana emergente ao longo do século XIX, apesar de sua difusão ocorrer nesse período, esse tipo de moradia existe até hoje nas grandes cidades brasileiras. Essa intensidade da difusão dos cortiços se deve ao aumento do fluxo migratório, principalmente português, e ao aumento da população alforriada<sup>36</sup>. Além da população alforriada, nessas habitações existiam também muitos escravizados fugidos<sup>37</sup> e escravizados que, com

---

<sup>33</sup> BECHELLI, 2009, p. 21.

<sup>34</sup> CARVALHO, 1989, p. 16 e 17.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>36</sup> CHALLHOUB, 2017, p. 30.

<sup>37</sup> Os cortiços eram lugares onde moravam muitas pessoas, fazendo com que se tornassem um esconderijo perfeito.

autorização de seu senhor, optavam por morar nos cortiços para ter mais autonomia nas suas atividades produtivas e pela possibilidade de levar uma vida praticamente igual a vida da população livre<sup>38</sup>, tornando o cortiço um importante lugar de resistência.

Os moradores do cortiço eram vistos pela elite e pelo Estado como um problema social, eram descritos como malfeitores, gatunos e vagabundos, constantemente comparados às classes perigosas<sup>39</sup>: ladrões, prostitutas, ambulantes, carroceiros, ciganos, engraxates, receptadores e criados são exemplos que compunham essas classes. O Poder Público responsabilizava essa população pela dissipação da imoralidade, de vícios, desordem e todo tipo de contravenção, aparecendo em maior número nas estatísticas criminais, além de responsabilizá-la também pelas epidemias de febre amarela e cólera, respectivamente, em 1850 e 1855. As classes perigosas, sob a ótica da elite e o Estado, destoavam da ideia de prosperidade, progresso e modernidade que o Brasil, como país em crescimento, visava alcançar.

Logo, emerge no país uma nova elite profissional, os intelectuais, que visando entender e explicar as diferenças internas do Brasil, se pautavam em discursos deterministas e evolucionistas vindos da Europa<sup>40</sup>. Se fazia necessário, em meio a tantas mudanças e transformações, entender e debater sobre o presente e o futuro do Brasil, podemos colocar como principal centro de debate a questão da formação de uma nação, mais especificamente em como construir uma nação de bases sólidas em meio a uma sociedade composta, por sua maioria, de escravizados, ex-escravizados e imigrantes pobres, sendo esses considerados como perigosos e nocivos.

Teorias pautadas, principalmente, no Determinismo, no Positivismo e no Darwinismo Social surgem no novo horizonte das ideias, buscando reconhecer diferenças internas e determinar padrões de superioridade e inferioridade. É

---

<sup>38</sup> CHALLHOUB, 2017, p. 31.

<sup>39</sup> Expressão utilizada pela escritora inglesa Mary Carpenter para designar ex-presidiários ou a população que vive de pequenos roubos, sem trabalho. No contexto brasileiro, essa expressão se ressignifica e é utilizada para determinar a população que vivia em ociosidade, entretanto devemos lembrar que, após a abolição da escravatura, chega na sociedade uma massa de trabalhadores livres que não obtinham oportunidades de emprego formal, acabando por sobreviverem da informalidade, o que era altamente reprimido pelo Poder Público. Logo, podemos entender que no Brasil, o conceito de classes perigosas serve para designar a classe pobre, considerados malfeitores, gatunos e vadios, por sua vez, moradores dos cortiços.

<sup>40</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 38.

impossível não associar essas teorias à industrialização e a urbanização, principalmente pelo fato de que as pessoas começam a sair de pequenas cidades do interior para viver na metrópole em busca de uma melhor qualidade de vida, conseqüentemente, muitos dos valores, inclusive religiosos, que essas pessoas tinham em suas pequenas cidades vão se perdendo e dão lugar a formação de novos valores, dessa vez valores condizentes com sua condição cosmopolita.

Um dos novos valores mais importantes, naquele momento, era a ideia de nação, onde todos não faziam mais parte de suas comunidades individuais, mas sim de algo muito maior e da população como um todo<sup>41</sup>. Hobsbawm<sup>42</sup> menciona que nação é o conjunto de habitantes de um país regido pelo mesmo governo, tendo uma comunhão de interesses, tradições e aspirações em comum, e esse conceito representa a ideia de pertencimento à um lugar, vinculando as pessoas à sua terra. Hobsbawm também enfatiza a questão de que o ideia de nação é um artifício político utilizado pela elite cultural longamente estabelecida, buscando definir o Estado a partir de seus próprios interesses. A elite dominante então constrói o imaginário do “povo” para dar sustentação ao seu ideal de nação, ou seja, a nação se torna um produto da construção desse imaginário sobre o povo, que por sua vez, deveria se adequar à realidade. É exatamente isso que acontece no Brasil no cenário vivido nos fins do século XIX, por isso o debate sobre o que seria esse novo “povo” brasileiro se torna tão importante, pois é através desse povo que o Brasil nasceria como uma nação, logo, os intelectuais se apoiam em bases teóricas europeias para debater essa ideia de povo:

“O nacionalismo e o racismo eram ideologias de fundamental importância no mundo intelectual, servindo tanto como elemento para dar base ou gerar críticas às análises sociais e de interpretação da história brasileira. Os dois fatores estão associados de forma bastante intrínseca. A raça simbolizava a força da nação, o seu caráter e, portanto, o futuro do país. A necessidade de definir esta raça e melhora-la era visto como

---

<sup>41</sup> BECHELLI, 2009, p. 36.

<sup>42</sup> HOBBSAWM, 1990, p. 27.

uma forma de desenvolver a nação. Em suma: melhorando a raça, melhora-se o povo, melhora-se nação.”<sup>43</sup>

Thomas Buckle, Francis Galton, Louis Agassiz, Joseph Artur de Gobineu e Herbert Spencer<sup>44</sup> são alguns importantes nomes das teorias eugênicas e deterministas que norteiam a ciência oitocentista da segunda metade do XIX no Brasil. Não buscarei me aprofundar individualmente nessas teorias, apenas mostrá-las a título de entender melhor as mesmas como influenciadoras do pensamento intelectual brasileiro. Todos esses autores propunham conceitos que giravam em torno da mestiçagem, responsabilizando a mesma pela degeneração da espécie humana, colocando o negro como elemento inferior e o branco como elemento superior, ou seja, o negro como responsável por ferir e alterar as qualidades do branco, o que acarretaria, dentro de uma população formadas pelos ditos mestiços, em uma desarmonia social que daria origem a vícios, alcoolismo, prostituição, imoralidade e falta de religião<sup>45</sup>.

Tratar a mestiçagem e os negros como algo negativo, seguindo as teorias europeias, se torna um problema no Brasil. Lembrando que no cenário brasileiro nas últimas décadas do século XIX o país começava a se constituir como nação e essa questão se torna um sério debate no meio intelectual. As transformações vividas pelo país, principalmente no quesito da crescente mão de obra negra livre tornando-se grande parte da população das grandes cidades, levam os intelectuais a pensarem em maneiras de inserir essa “nova” população na construção de uma nação sólida, sendo que há pouco a mesma era considerada apenas como uma força animal de trabalho<sup>46</sup>, além do fato de que as teorias científicas apontavam essa “nova” população como degenerada, prejudiciais a formação da identidade brasileira.

Logo, apoiados na ciência europeia, intelectuais brasileiros como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre vão buscar incansavelmente uma identidade étnica única para todo o país, tendo em vista a importância da mesma para a formação de uma vigorosa nação. O cerne dessa busca desses e de outros intelectuais brasileiros era como

---

<sup>43</sup> BECHELLI, 2009, p. 36.

<sup>44</sup> Responsável por transformar a teoria das espécies de Charles Darwin no conhecido darwinismo social.

<sup>45</sup> MUNANGA, 1999, p. 40.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 51.

transformar essa pluralidade de raças, de culturas e de valores em um único coletivo de cidadãos, em um só povo<sup>47</sup>. Grande parte desses intelectuais acreditava na superioridade da raça branca em relação às demais, mas principalmente em relação à raça negra, mas tinham pensamento distintos acerca da mestiçagem.

Por exemplo, para Sílvio Romero<sup>48</sup>, a mestiçagem se torna crucial para a formação da população brasileira, significando apenas uma fase transitória, pois esse processo de miscigenação racial, para ele, composto por três raças diferentes (branca, negra e indígena), resultaria na dissolução dos genes e das características culturais dos não brancos, predominando os atributos genéticos e culturais brancos, ou seja, para ele, atributos superiores. Já em Nina Rodrigues<sup>49</sup>, desacredita da tese de Romero, dizendo que a miscigenação acarretaria em desequilíbrios e problemas psíquicos. Para ele, dada a superioridade dos brancos em relação às demais raças, as responsabilidades penais deveriam ser modificadas, tendo em vista que os indivíduos não poderiam ser iguais perante a lei, pois as raças não brancas não teriam atingido o nível de desenvolvimento necessário para tomar decisões sobre seus próprios atos e exercer seu livre-arbítrio.

Com essas observações, busco mostrar e enfatizar a importância e a influência que as teorias europeias exercem em todas as instâncias no Brasil. Todas as decisões políticas do país, naquele momento, serão pautadas por essas teorias, assim como o código penal também. É impossível falarmos de cortiços e da população marginalizada sem citarmos as teorias raciais, tendo em vista que os moradores do cortiço eram, em sua grande maioria, mestiços e ex-escravizados pobres, e são eles considerados as classes perigosas para a nação. Os motivos vão além do fato de aparecerem em maior número nas estatísticas sobre crimes, inclusive, vão além de representarem o polo de contágio de doenças como cólera e febre amarela. Os mestiços, os escravizados e os negros livres representavam o maior perigo para o Brasil naquele momento: a não possibilidade da formação de uma nação brasileira de bases sólidas,

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>48</sup> Ver mais em ROMERO, Sílvio. *Prefácio a Tito Lívio da Costa (O Brasil e o negro)*. Outlok. Vol.106, 1914.

<sup>49</sup> Ver mais em RODRIGUES, Raimundo N. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. 1<sup>o</sup> edição, 1894.

civilizadas e modernas, pois os mesmos eram sinônimo de atraso e degeneração.

## 5. Aluísio de Azevedo e Émile Zola

Émile Zola é considerado até os dias de hoje o precursor do Naturalismo, sendo ele inaugurado com a publicação de seu livro *Thérèse Raquin* (1873), obra que criticava as hipocrisias sociais, a precarização do trabalho e a exploração do trabalhador, dentro da perspectiva de que o homem é produto do meio em que vive e de sua hereditariedade<sup>50</sup>. “Desta forma, ao perceber uma crise na sociedade e apoiar-se no progresso da ciência como correção dos problemas sociais, Zola transporta a esperança antes contida no divino para as ciências.”<sup>51</sup>. Fazendo o uso desses preceitos cientificistas da influência do meio, entende-se a escolha de assuntos como o alcoolismo, a homossexualidade, a histeria, a ambição, o adultério, a luxúria, a prostituição etc. Como descreve Monte:

“Os naturalistas interessam-se em descrever os meios sociais do seu tempo e as personagens de todas as classes. Partindo deste ponto, apresentam-nos as características das personagens como se fossem médicos a descrever um caso ou uma patologia de um doente como veremos no romance de Zola.”<sup>52</sup>

Sendo assim, a corrente naturalista se torna uma das tendências do século XIX e era caracterizada por enfatizar as condições fisiológicas, a influência do meio e das circunstâncias que determinam o homem. Os personagens das obras naturalistas eram descritos de maneira animalesca, marcados, principalmente, pela impulsividade. Os locais onde as obras se passavam eram meios de características bem populares e periféricos, e o autor seria observador das leis naturais e mostraria quando e de que maneira o determinismo, ou melhor, os determinismos entram em ação, para assim

---

<sup>50</sup> SANTOS, 2017, p. 12.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>52</sup> MONTE, 2012, p. 10.

contribuir com o progresso<sup>53</sup>. Esse progresso está ligado à influência da ideologia positivista no país, como expõe Monte:

“Verificamos assim, desde logo, que os títulos *L’Assommoir* e *O cortiço* convidam o leitor a assistir a uma peripécia em que as forças materiais podem destruir a vida dos personagens, ao mesmo tempo que deitam por terra os absolutos morais representados nos romances até ao século XIX.”<sup>54</sup>

Essa corrente literária está, principalmente, ligada ao cenário europeu de Revolução Industrial, ao avanço da medicina e ao positivismo, que já estaria dominando o meio intelectual<sup>55</sup>. As bases do pensamento de Zola estão, resumidamente, ligadas ao positivismo de August Comte, que acreditava em um constante processo de progresso e melhoria, recusando as propriedades metafísicas; aos estudos do médico Claude Bernard, que na conclusão de seus experimentos, defendia a ideia de um forte determinismo científico; e ao filósofo e professor Hippolyte Taine, que acreditava no determinismo social e hereditário.<sup>56</sup> Para entendermos um pouco melhor dessas ideias aplicadas, de certa forma, na sociedade, como expõe Michelle Perrot<sup>57</sup>, a ordem biológico é utilizada dentro da criminologia, ou seja, fatores como as estações do ano são influenciadoras de determinados delitos: o verão, estação do crime, inverno, estação do roubo.

Para entendermos um pouco melhor do cenário parisiense em que escreveu Émile Zola, devemos atentar nosso olhar para a composição da sociedade. A multidão, como descreve Maria Stella Bresciani<sup>58</sup>, passa a ser algo presente nas ruas devido ao avanço do capitalismo industrial. Milhares de pessoas passaram a se deslocar para os grandes centros, em busca de trabalho, ocasionando uma mudança na paisagem urbana de Paris, as identidades individuais se perdiam, as pessoas passaram a fazer parte de um aglomerado urbano, sem nome, sem distinção. De dia, a cidade é ocupada por trabalhadores, que em movimentos mecânicos e gestos automáticos simbolizavam uma

---

<sup>53</sup> AGIBERT, 2010, p. 42.

<sup>54</sup> MONTE, 2012, p. 33.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 13 e 14.

<sup>57</sup> PERROT, 2017, p. 231.

<sup>58</sup> BRESCIANI, 1990, p. 10

sociedade próspera e moderna. Em contrapartida, de noite, a multidão era outra, a mesma população que vivia entre os assombrosos becos de Paris fervilhava nas ruas, a presença de prostitutas, ladrões e jogatina transformava a noite parisiense em um verdadeiro caos.

“A atividade do olhar se torna mais difícil quando ao cair da noite a multidão se adensa tornando-se insondável. [...] Nessas regiões escuras, a multidão realiza o cotidianamente renovado espetáculo da promiscuidade, da agressão; em suma, todo o perigo pressuposto como presença em repouso, durante o dia, põe-se de tocaia em cada reentrância da rua, em todos os becos mal iluminados. Para os contemporâneos, na noite, sob a luz dos lampiões, a multidão assume a imagem acabada de alguma coisa obscura e inextricável.”<sup>59</sup>

As condições dos trabalhadores franceses eram péssimas, sobreviviam de um salário instável, baixo e com uma jornada de trabalho muito extensa. Mesmo trabalhando, passavam fome e viviam em situação de miséria. Em fins da metade do século XIX, a população francesa contava com mais de 86 mil pessoas em situação de pobreza<sup>60</sup>, a diferença entre o homem francês pobre, operário e criminoso era praticamente inexistente. A cidade de Londres, também vivendo um período de avanço do capitalismo, era sempre tomada como base para se prever um futuro para Paris, tendo em vista que Londres contava com um número muito extenso de gatunos, malfeitores, prostitutas, mendigos e receptadores. Muitos estudiosos contemporâneos como Chevalier, Michelet, Fourier, Buret e Louis Blanc, consideravam que a miséria em que se encontravam os operários levaria os mesmos ao vício e à barbárie. É importante ressaltar que essa barbárie passava a ser vista como ameaça social<sup>61</sup>, não por causa dos pobres serem passíveis de conversão ao crime, mas sim por conta do número crescente de trabalhadores na miséria, representando uma possibilidade de rebelião contra o governo.

São essas multidões e suas condições de vida que vão se tornar objeto de escritas literárias para Zola e também outros autores franceses e ingleses,

---

<sup>59</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>60</sup> CHEVALIER apud BRESCIANI, 1990, p. 51.

<sup>61</sup> BRESCIANI, 1990, p. 54.

Victor Hugo, Boudelaire, Eugène Sue, Edgar Allan Poe e Charles Dickens. A vida, nesse período, deixa ambiente privado da casa e da família e passa a se concentrar nas cidades, gerando um grande movimento, um enorme aglomerado de pessoas dia e noite nas capitais modernas da Europa chamam a atenção desses escritores, provocando um sentimento de admiração e temor por algo que era extremamente novo<sup>62</sup>, algo que necessitava ser entendido. A literatura então ganha um novo tema: as contradições do homem moderno, operário e ao mesmo tempo miserável, que encontrava refúgio em bares e bacos da capital francesa. Zola então assume essa temática como centro de suas obras, dando início ao naturalismo, tratando a olhos nus essa nova sociedade emergente.

Antonio Candido, em sua crítica literária à obra de Azevedo, realça a grande influência que Émile Zola, principalmente sua obra *L'Assommoir* (1873), teve na escrita de *O cortiço* (1890), podendo identificar diversos aspectos de semelhança. O primeiro deles seria a ideia de escrever sobre a vida de trabalhadores pobres. Candido<sup>63</sup> identifica outros trechos do enredo das histórias que são semelhantes: brigas entre lavadeiras; uma folia onde ocorre o encontro de dois amantes, sendo eles, no primeiro, Gervaise e Coupeau, e no segundo, Jerônimo e Rita; e, por fim, a presença de um policial solene. Monte<sup>64</sup> identifica também a semelhança em seus títulos: curtos e de valor metafórico, indicadores do conteúdo do romance, sendo taberna<sup>65</sup> e cortiço representativos de espaços de perdição, onde impera o alcoolismo, a prostituição, a imoralidade, a vadiagem, doenças e comportamento desviantes no geral.

Não pretendi aqui fazer um comparativo entre os livros, mas sim observar e ter um melhor entendimento, nessas evidências de comparação, dos elementos que compõem a obra de Azevedo e seu Naturalismo. Como já dito anteriormente, uma obra literária não é somente fruto do contexto histórico e de seus acontecimento, logo fazendo esse paralelo entre os dois autores minha pretensão é mostrar que, além desse contexto, existe o mundo do próprio autor, o mundo de Aluísio de Azevedo, que se inspira no estilo literário de Zola, no enredo e nos elementos de sua obra, para escrever o seu próprio livro, claro que

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>63</sup> CANDIDO, 1991, p. 112.

<sup>64</sup> MONTE, 2012, p. 31.

<sup>65</sup> O título *L'Assommoir*, em português, pode ser traduzido em *A Taberna*.

dialogando com o cenário brasileiro para assim representá-lo a sua maneira. Émile Zola apresenta as feridas da sociedade francesa, delineando seus sofrimentos e infelicidades de acordo com as características naturais de cada personagem e do meio em que vivem, assim como faz Azevedo em sua obra, cria um mundo ficcional baseado nos pressupostos científicos pautados pela hereditariedade, influência do meio, influência da natureza, repletos de determinismos, transformando a vida no cortiço em um experimento social que visa a comprovar esses pressupostos.<sup>66</sup>

Não é porque a obra busca referências em outras que ela se torna menos original, como já dito anteriormente, *O cortiço (1890)*, de Aluísio de Azevedo, discute aspectos da realidade brasileira e, inegavelmente, os cortiços eram elementos mais do que presentes nessa realidade, assim como as relações demonstradas no livro. Azevedo dá visibilidade às relações sociais, culturais, raciais e econômicas de um país onde conviviam de maneira muito próxima escravizados, ex escravizados, imigrantes portugueses, imigrantes italianos, brancos ricos, brancos pobres e outras diversas grupos sociais que compunham a sociedade brasileira, tornando a obra uma alegoria do real. “A consciência das condições próprias do meio brasileiro interferiu na influência literária, tornando o exemplo francês uma fórmula capaz de funcionar com liberdade e força criadora em circunstâncias diferentes.”<sup>67</sup>

Completando esse pensamento, o livro *O cortiço (1890)*, apesar de suas semelhanças com *L’Assommoir (1877)*, não perde sua originalidade na maneira em que transforma as relações ali vividas em uma metáfora da sociedade brasileira. Como coloca Antonio Candido<sup>68</sup>, na sociedade francesa existe uma espécie de separação entre temas como vida política, alto comércio, vida militar, prostituição, clero, especulação mobiliária, lavoura, alcoolismo e etc; por esse fator Zola dilui esses temas em diversos livros. Em *O cortiço (1890)* essa variedade de temas aparece concentrada, além de Azevedo trazer para o eixo principal da obra a presença do explorador econômico, o acúmulo de capital em cima da miséria da maioria, algo que não acontece em *L’Assommoir (1877)*. A vivência dentro do cortiço, assim como sua existência na cidade, aparecem como

---

<sup>66</sup> MONTE, 2012, p. 43.

<sup>67</sup> CANDIDO, 1991, p.112 e 113.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 113.

uma alegoria do Brasil e representam o país em sua totalidade, ou seja, o cortiço não é somente o local onde se passa a história e onde moram os trabalhadores, é o lugar onde dialogam e convivem diversos setores da sociedade brasileira.

“Deste modo o cortiço ganha significado diferente do que tinha em Zola, pois em vez de representar apenas o modo de vida do operário, passa a representar, através dele, aspectos que definem o país todo. E como solução literária foi excelente, porque graças a ele o coletivo exprime a generalidade do social.”<sup>69</sup>

## **6. O cortiço (1890) e seus determinismos**

Inicialmente, gostaria de ressaltar, que a obra literária não tem responsabilidade em retratar o real tal como ele é, mesmo dentro do movimento Naturalista, como já explicitado anteriormente, onde é justamente essa proposta. A criatividade do autor é um fator muito importante para a execução da obra, não podendo ser descartada em hipótese alguma. Entretanto, o que farei nesse capítulo é evidenciar um diálogo entre o livro e a ciência oitocentista, mas desde já acrescento que o caráter criativo do autor é imprescindível para entendermos seus personagens, tendo em vista que os mesmos não são reais.

O enredo da história gira em torno do personagem João Romão, comerciante português que busca incansavelmente sua ascensão social, e, como parte de seu processo para enriquecer, ergue o cortiço, local onde ocorre toda a história. Logo no começo da história, João Romão amiga-se com uma escravizada chamada Bertoleza, que lhe confia todo o dinheiro que havia juntado para pagar o pecúlio ao seu senhor. É interessante perceber que já no início de seu livro, Aluísio de Azevedo como naturalista, coloca a questão racial como ponto principal dessa união entre João Romão e Bertoleza, sugerindo a complexidade da mesma. Como podemos observar no trecho abaixo, Bertoleza, sabendo de sua condição inferior por ser negra, alegra-se ao juntar-se com João Romão pelo fato do mesmo ser português e branco, ou seja, de uma raça superior à dela, assim, ela poderia se sentir mais próxima à essa superioridade.

---

<sup>69</sup> Ibidem, p. 120.

*“[...] Quando deram fé já estavam amigados. Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente<sup>70</sup> o homem numa raça superior à sua.”<sup>71</sup>*

Então, João Romão se aproveitando da situação, forja uma carta de alforria para ela, supostamente a livrando da condição da escravizada com a falsa carta, o que já insinua o problema do funcionamento das alforrias no Brasil, e Romão utiliza o dinheiro de Bertoleza para construir sua quitanda e um simples cômodo para a moradia de ambos. João Romão, economizando praticamente todo centavo que ganhava, um ano após se amigar com Bertoleza, constrói três casinhas em um terreno que comprou, dando início a seu cortiço. O mesmo não hesitava em tirar proveito dos clientes de sua quitanda e dos moradores do cortiço, sempre roubando para obter vantagens financeiras em benefício próprio, visando cada vez mais guardar dinheiro para ampliar seus negócios, como podemos observar no trecho abaixo:

*“Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorar-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixar de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, [...] apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, [...] João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele todos os dias, ao cair da tarde, assentando um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça.”<sup>72</sup>*

Considero necessário dizer que, Aluísio de Azevedo, no personagem João Romão, exprime seus pensamentos acerca do imigrante português. Como já dito anteriormente, Azevedo tinha um pensamento muito crítico acerca desses imigrantes, acreditando que os mesmos exploravam os brasileiros para sua

---

<sup>70</sup> É importante nos atentarmos para essa palavra, pois ela sugere uma característica animalesca típica do naturalismo. Instinto nada mais é do que um impulso interior que faz o animal agir inconscientemente para sua sobrevivência. Bertoleza então, para sobreviver, deveria se embranquecer, se amigando com o português João Romão.

<sup>71</sup> AZEVEDO, 2004, p. 20.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 22.

própria riqueza. Podemos centrar na figura de Bertoleza, principalmente, a representação do brasileiro explorado. A mesma é enganada por João Romão, que lhe toma todo seu dinheiro para conseguir dar início ao cortiço, além de se aproveitar da mão-de-obra dela para enriquecer, sem ao menos pensar em recompensá-la por isso. Para João Romão, Bertoleza não significava nada além de uma maneira de obter lucros através de seu trabalho, se amigando com ela somente para isso.

Outro personagem importante do enredo da obra é Miranda, negociante português que compra o sobrado localizado ao lado do cortiço de João Romão. Miranda mudou-se para esse sobrado alegando não querer mais morar no centro da cidade, além de que sua filha, Zulmirinha, necessitava de espaço para crescer. Mas, na verdade, o verdadeiro motivo de sua mudança foi querer afastar a sua esposa, Dona Estela, de seus caixeiros, para evitar um possível adultério, tendo em vista que ela já teria o traído. Ele, ao descobrir a traição de sua esposa, não se separou para não causar escândalos e também porque seu negócio se garantia com o dinheiro que ganhou como dote pelo casamento, logo, prefere viver em um casamento onde era desmoralizado do que ferir seus negócios e sua posição social, como podemos ver no trecho abaixo:

*“[...] o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.”<sup>73</sup>*

---

<sup>73</sup> Ibidem.

Azevedo, na construção do personagem Miranda, trabalha muito bem a questão da importância da posição social, principalmente por Miranda se tratar de um negociante português. Em Miranda também podemos observar a questão da imigração portuguesa como exploratória, especialmente nos trechos em que se descreve um desentendimento por pedaços de terreno, entre ele e João Romão. O real motivo dessa tensão era a inveja que João Romão guardava dentro de si do vizinho, que tinha uma excelente posição social, morava em um sobrado, saía à passeios com a família e vivia sempre bem vestido, sem precisar do trabalho braçal, mas João Romão também era invejado pelo vizinho, que para ele, conseguiu enriquecer sem ter que se casar com uma mulher que só lhe dava desgostos.

Nesse conflito, fica ainda mais transparente a questão do português vindo ao Brasil com o objetivo de enriquecer e atingir uma posição social que não tinha na Europa. Miranda, ao escrever para um colega português, diz que “o Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro, cujas rédeas um homem fino empolgava facilmente”<sup>74</sup>. Além, obviamente das questões sobre a importância de se ter uma posição social de prestígio para o bem de sua moral e de seus negócios. A desavença entre eles só termina ao final do livro, quando João Romão, após se livrar de Bertoleza e passar a utilizar de sua fortuna arrecada ao longo dos anos para viver como parte da alta classe e, por interesse mútuo com o vizinho Miranda, agora barão, casa-se com Zulmirinha.

Podemos perceber que, João Romão, não queria apenas ser rico, queria viver e ser como um, sair a passeios, se vestir bem e livrar-se do trabalho braçal. Bertoleza, como negra escravizada, atrapalharia seus planos, tendo em vista que era considerada como alguém de raça inferior. Além disso, não poderia se ascender socialmente sendo amigado com uma negra que simbolizava, para ele, todo seu passado de misérias, caso o mesmo não se dissociasse de Bertoleza não faria a transição definitiva para sua nova vida. Essa transição verdadeira só seria feita quando se casasse com a filha de seu vizinho e, para que fizesse isso sem problemas, teria que se livrar de Bertoleza. A solução encontrada por ele é entregar Bertoleza ao seu senhor, lembrando da falsidade de sua carta de

---

<sup>74</sup> Ibidem, p. 29.

alforria. Bertoleza, em seu fim trágico, se mata por desgosto de ter sido enganada a vida inteira e por não querer voltar à vida de cativa.

*Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo. Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro. [...] A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcança-la, já de um só golpe certo e fundo rasgou o ventre de lado a lado.*<sup>75</sup>

Podemos perceber de maneira ainda mais exacerbada a crítica de Aluísio de Azevedo à exploração do brasileiro, nesse caso simbolizado por Bertoleza. Ainda mais por conta de seu irônico final, onde ao mesmo tempo em que ela está sendo entregue ao seu verdadeiro senhor, uma comissão abolicionista passa em sua casa para lhe entregar o diploma de sócio benemérito. Azevedo, ao fazer isso, manifesta os multifacetados problemas da condição do negro em uma sociedade rumo ao fim do regime escravocrata. Esse negro sairia da condição de escravo e se tornaria trabalhador, mas um trabalhador que ainda viveria em situações precárias, como a de Bertoleza. Tudo isso, somado ao fato de que, Bertoleza, seguindo os preceitos de uma sociedade permeada por ideais de raça, se sentia ascender socialmente, mesmo que pouco, pelo fato de que era amiga com um português.

Entre esses acontecimentos, Aluísio de Azevedo narra também a história dos demais personagens e moradores do cortiço, entretanto nem todas elas serão tratadas nesse trabalho. Procurei recortar as histórias que nos ajudam a entender melhor a construção do personagem Jerônimo e o determinismo

---

<sup>75</sup> Ibidem, p. 183.

presente em sua história, assim como os preceitos científicos que norteiam essa narração. A dinâmica do livro de Azevedo faz com que seja impossível trabalhar o personagem individualmente, os personagens são trabalhados em coletivo e em relacionamentos e assim devem ser entendidos; isso se deve ao fato de que o meio, em seu sentido mais amplo, é fator determinante, mantendo as tradições do francês Zola<sup>76</sup>. O meio em seu sentido mais amplo, dentro da corrente naturalista, é a responsabilidade que a sociedade tem pela conduta de decadência do indivíduo, fazendo com que o homem seja um mero produto desse meio.

Para dar início a reflexão sobre esse personagem em específico, gostaria de fazer algumas notas sobre a imigração portuguesa no Brasil. Como já dito anteriormente, a metade do século XIX no Brasil é marcada por uma intensa corrente imigratória devido à problemática acerca da mão-de-obra escrava e à tentativa de embranquecimento da população, que se estende até o século XX. O Brasil se torna um foco atrativo para imigração por conta do início de seu desenvolvimento e de sua industrialização, ou seja, era um país jovem ainda em formação. Somando isso, ao fato de que Brasil e Portugal compartilham do mesmo idioma, vínculos históricos e antigas relações econômicas, o Brasil se torna o país mais atrativo para a imigração portuguesa<sup>77</sup>.

O diferencial, podemos dizer assim, sobre a imigração portuguesa das outras imigrações é justamente acerca dessas questões apontadas sobre as relações e vínculos históricos. O Brasil incentivava a vinda de imigrantes e chegou até mesmo a subsidiar essa vinda, mas a imigração portuguesa ocorreu independente desse subsídio, por conta dessas particularidades que os dois países compartilhavam, portugueses vinham para cá por conta própria, se concentrando nos centros das cidades e não tendo problema nenhum para se integrar na economia brasileira. Inclusive, é interessante ressaltar que, somente no século XIX até o início do século XX, mais especificamente entre 1820 e 1903, o número de imigrantes portugueses chega a quase 550 mil<sup>78</sup>.

Posto isso, não podemos dizer que é um mero acaso a escolha de Aluísio de Azevedo em trabalhar o enredo de *O cortiço* (1890) em torno de personagens

---

<sup>76</sup> MÉRIAN, 1988, p. 505.

<sup>77</sup> KLEIN, 1989, p.19.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 20.

portugueses. Azevedo constrói, ao longo da história, imagens distintas acerca desse imigrante. Na descrição das histórias de João Romão e de Miranda, ambos portugueses, busco mostrar a crítica de Azevedo e como o mesmo constrói esses personagens, dentro de uma estética naturalista, sendo “vencedores” do meio em que vivem, enriquecendo através da exploração e da desonestidade. O Brasil daquele momento aparecia como algo inferior a ser dominado, para se extrair dele todo tipo de vantagem financeira. Centralizo esse trabalho na figura de Jerônimo justamente por ser um personagem que, teoricamente, deveria dominar e também se tornar um explorador do meio brasileiro, mas acaba sendo dominado por ele.

O meio brasileiro, na obra de Aluísio de Azevedo, aparece como algo degradante, sinônimo de decadência, seguindo o modelo determinista, e é esse meio responsável pela “queda” de Jerônimo. Nenhuma palavra é utilizada no livro para dizer explicitamente que o que ocorre com Jerônimo é uma decadência ou degradação, mas pelo enredo do livro e pela forma como a vida desse personagem é retratada, como veremos adiante, podemos entender dessa maneira e fazer essa afirmativa. *O cortiço (1890)*, dentro de sua lógica naturalista, não escapa das influências positivistas e das teorias científicas em torno do determinismo, por isso, entendemos aqui que Jerônimo, em contraponto de João Romão e Miranda, como personagem vencido por esse determinismo.

O personagem em questão é um imigrante português, que saindo de sua terra natal veio ao Brasil em busca de uma vida melhor, junto de sua esposa Piedade e a filhinha do casal. Jerônimo, ao chegar, trabalhou durante dois anos em uma fazenda, como colono de um fazendeiro, saindo de lá “de mãos vazias”<sup>79</sup> e “com grande birra da lavoura brasileira”<sup>80</sup>, como se descreve no livro, por ver que aquele trabalho não lhe ofereceria grandes mudanças de vida. Necessitando de dinheiro, aceitou trabalhar em uma pedreira por um baixo salário. Jerônimo, sendo habilidoso, observador e dedicado, aprendeu rápido seu novo ofício e se tornou o melhor, ganhando destaque entre os companheiros, passando a receber um salário maior. Na narrativa de Azevedo, Jerônimo não ganha

---

<sup>79</sup> AZEVEDO, 2004, p. 51.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

destaque somente por conta de sua habilidade e dedicação, como podemos ver abaixo:

*“Mas não foram só o seu zelo e a sua habilidade o que o pôs assim para a frente; duas outras coisas contribuíram muito para isso: a força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e, talvez, principalmente, a grande seriedade do caráter e a pureza austera de seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda a prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver”<sup>81</sup>*

Nesse trecho, o que ganha destaque é a descrição do caráter de Jerônimo. Azevedo enfatiza a questão de sua honestidade e simplicidade, o que fazia dele um homem respeitado pelos outros trabalhadores. Mas, além disso, devemos nos atentar em como são feitas essas descrições. A descrição da maneira de viver de Jerônimo como sendo primitiva remontam o pensamento do bom selvagem de Rousseau<sup>82</sup>, ou seja, o homem em seu estado natural de pureza, não tocado pelos valores sociais em que está inserido. Assim como, a questão da austeridade de seus costumes sugere que Jerônimo, sendo português, viveu em um ambiente que contribuíra para que esse caráter puro fosse solidificado e se tornasse inerente a ele, não sendo passível de mudanças mesmo que ele não vivesse mais no meio social europeu, conservando essa pureza.

É muito importante nos atentarmos para a maneira que Azevedo descreve a simplicidade no modo de viver de Jerônimo e de sua Piedade. Ambos saiam de casa apenas para trabalhar e, logo após o trabalho, voltavam para casa para descansar; eram sempre os primeiros a chegar em seus respectivos serviços, fazendo com que os moradores do cortiço tivessem grande respeito por eles; jantavam a comida que Piedade preparava, a moda portuguesa, e conversavam sobre sua filha, cantando fados e lembrando da vida em Portugal. Ou seja, são descritos como responsáveis, dedicados ao trabalho e à família, gostavam de viver uma vida tranquila, desfrutando da companhia um do outro, dispensando

---

<sup>81</sup> Ibidem.

<sup>82</sup> Ver mais em ROUSSEAU. Jean-Jacques. *Du Contrat Social ou Principes du droit politique*. 1762.

festas e outros eventos sociais que não fossem ir à missa ou visitar a filhinha no colégio, além disso eram saudosos de sua terra natal, sugerindo uma certa ideologia acerca da família e do trabalho, ambos estariam atrelados ao caráter moral e digno de uma pessoa.

*“Depois, até as horas de dormir, que nunca passavam das nove, ele tomava a sua guitarra e ia para defronte da porta, junto com a mulher, dedilhar fados de sua terra. Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes de sua infância.”<sup>83</sup>*

A verdadeira revolução nos comportamentos e no modo de vida de Jerônimo se dá quando o mesmo vê Rita Baiana pela primeira vez, dançando em uma noite de festa no cortiço. Rita Baiana é uma das moradoras do cortiço, descrita basicamente como uma mulata festeira, assanhada e sem juízo para trabalho. “Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado!”<sup>84</sup>, entretanto também era descrita como uma pessoa de bom coração, “tirando o defeito da vadiagem”<sup>85</sup> e de uma fisionomia fascinadora. A mesma fica longe do cortiço por três meses, por estar vivendo em folias com seu amante Firmo, também mulato, descrito como malandro e vadio. Rita Baiana é uma importante personagem para o enredo e, principalmente, para o destino de Jerônimo. Azevedo constrói essa personagem cercada de preceitos naturalistas e cientificistas, desde suas características físicas até mesmo o seu modo de agir.

Desde o início, Rita Baiana e suas características físicas são colocadas em comparação à natureza: “E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas.”<sup>86</sup>. A imagem de Rita Baiana, então, é a todo momento edificada através do cientificismo. Isso se deve ao fato da mestiçagem de Rita Baiana, transformando todas as suas características inerentes a isso, ou seja, se ela era festeira e não gostava de compromissos era porque a mesma era mestiça. Descrevendo a relação de Rita Baiana com Firmo, Azevedo coloca que ambos viviam se separando por conta de ciúmes, tendo em

---

<sup>83</sup> AZEVEDO, 2004, p. 53.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>85</sup> Ibidem.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 55.

vista que Firmo “tinha ‘paixa’ pela Rita, e ela, apesar de ser volúvel como toda a mestiça, não podia esquecê-lo por uma vez; metia-se com outros, é certo, de quando em quando”<sup>87</sup>. Posto isso, entendemos que o gosto por festas, pelo falta de compromisso com o trabalho e o modo de agir, no geral, de Rita Baiana se deve, intrinsicamente, ao fato dela ser mestiça, reforçando ideias sobre a mestiçagem como sinônimo de imoralidade e vadiagem.

As questões da mestiçagem e da natureza brasileira representadas pela imagem de Rita Baiana são fundamentais para entendermos a interferência do meio social e natural nas ações do homem. Como veremos a seguir, após o contato com Rita Baiana, sendo ela a síntese de tudo aquilo que representa o Brasil, Jerônimo passa por uma metamorfose, deixando de ser, aos poucos, sereno, calmo, trabalhador, dedicado à família. Rita Baiana é o meio brasileiro, natural e social, em sua forma mais bruta, exercendo uma força tão grande sobre Jerônimo que o mesmo não consegue dominar esse meio, como fizeram os portugueses João Romão e Miranda, dando início à sua decadência. A natureza e o clima brasileiro, então, aparecem em *O cortiço (1890)* como elementos decisivos nos comportamentos de Jerônimo.

Podemos associar a ideia que Azevedo constrói acerca de Rita Baiana com teorias muito lidas por intelectuais brasileiros no século XIX, como Euclides da Cunha, Sílvio Romero e Capistrano de Abreu. Essas teorias, designadas mais tarde como determinismo geográfico, tiveram como seus maiores representantes Friedrich Ratzel e Henry Thomas Buckle. Dentro dessas teorias, a natureza, o solo e o clima tinham papel principal dentro da formação de uma sociedade, pois os mesmos imprimiam seus aspectos na população, o que os destinaria para o progresso ou para a estagnação<sup>88</sup>. Para Buckle<sup>89</sup>, a abundante natureza brasileira e sua fertilidade fariam com que o brasileiro não necessitasse desprender uma força de trabalho tão grande para colher dela alimentos, transformando sua população em ociosa, diferente dos europeus que contavam com um solo menos fértil e, por isso, tinham que trabalhar mais para sua sobrevivência.

---

<sup>87</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>88</sup> SOUSA, 2013, p. 6.

<sup>89</sup> Ver mais em BUCKLE, Henry Thomas. *Histoire de la Civilisation em Anglatere*. Bruxelles: Typ. A. Lacroix, Vol. I. 1865.

Posto isso, para perceber esse determinismo geográfico, devemos nos atentar na passagem que Azevedo narra uma festa no cortiço, onde Rita e os demais vizinhos dançavam e cantavam músicas baianas. Jerônimo e Piedade ficam em seu quarto, sem participar da festa, mas mesmo assim, ao ouvir o som do cavaquinho tocado por Firmo e ao ver Rita dançar, Jerônimo começa sua revolução interna. Essa revolução é descrita como sendo causada pelos efeitos da fauna, da flora, do clima, dos sabores e dos aromas brasileiros, elementos esses que são colocados de forma muito intensa na figura de Rita Baiana, tornando-a a própria personificação dessa natureza quente, selvagem, sensual e afrodisíaca. Jerônimo é arrebatado por essa natureza e seus efeitos como nunca tinha sido antes, dando início ao seu abrasileiramento, ou seja, a sua decadência, seguindo os preceitos cientificistas.

*“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra-verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional [...]”<sup>90</sup>*

A maneira como Azevedo constrói a natureza brasileira, personificada na figura de Rita Baiana, é como se ela fosse algo negativo e tentador, que necessita ser domado para não causar problemas. A sensualidade, principalmente, aparece como algo imoral e que tira o homem de sua razão. Jerônimo é posto, puramente, como alguém desvirtuado pelo meio em que vive. A natureza, desperta no personagem instintos animais que estavam antes adormecidos por conta de sua alma e moral portuguesa, e esses instintos vão

---

<sup>90</sup> AZEVEDO, 2004, p. 68.

cada vez se apurando mais. Isso sugere que, no Brasil, as pessoas viviam guiadas por esses instintos, agindo quase que como animais. Jerônimo perdia aos poucos o uso da razão, dando espaço para o uso exacerbado dos sentidos, como podemos ver na narrativa de Azevedo: “E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto em detrimento das suas forças físicas.”<sup>91</sup>. E são esses sentidos apurados que vão aos poucos degradando a figura de Jerônimo, fazendo com que ele se abrasileirasse.

*“Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor [...] E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrasileirou-se.”<sup>92</sup>*

Percebe-se a formação de um estereótipo do que é significava ser brasileiro ou transformar-se em um brasileiro. Podemos associar esse pensamento a questão da mestiçagem e a formação da nação. Como já vimos anteriormente, o Brasil em sua maioria populacional era composta por mestiços, constantemente relacionados à malandros e vadios. O estereótipo do brasileiro, então, é construído acerca do mestiço, visto como preguiçoso, que não se afeiçoa ao trabalho e refém de seus instintos animais, sendo eles inerentes à sua má formação genética, segundo o ciência oitocentista. Jerônimo abrasileirando-se pode ser tomado, dentro do enredo, como algo negativo, pois o ser brasileiro era dar lugar aos vícios e a imoralidade, por isso a condição do personagem é vista como degradante.

---

<sup>91</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>92</sup> Ibidem.

É interessante como Azevedo coloca que Piedade, esposa de Jerônimo, recebe as influências do meio somente “por fora”<sup>93</sup>. A mesma percebe as mudanças no comportamento de seu marido e cede à elas, mas dentro de si continuava fiel às suas tradições e saudosa de sua terra. Piedade não conseguia, assim como fez Jerônimo, adaptar sua essência aos hábitos brasileiros e a mesma reconhece que o meio, a natureza, são responsáveis pelas mudanças de seu marido, inclusive amaldiçoa as terras brasileiras por todas elas. Em nenhum momento Piedade culpa Jerônimo por perder sua essência de aldeão português, mas sim culpa a natureza brasileira. O trecho abaixo é importante para observar esse forte determinismo geográfico, associando a natureza brasileira à decadência do homem. Piedade, ao final do livro, também tem sua condição degradada, só que de maneira indireta. Os efeitos do meio em seu marido são motivos de eternos desgostos para a mesma, fazendo com que ela se entregue ao vício do álcool.

*“E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra; essa boa terra cansada, velha como que enferma; essa boa terra tranquila, sem sobressaltos nem desvarios de juventude. Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia. [...] lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo, como o gado que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico.”<sup>94</sup>*

Jerônimo, ao longo do livro, irá cada vez mais dar lugar a sua decadência. Depois de matar Firmo, amante de Rita, ele toma coragem para deixar sua esposa Piedade e viver um intenso romance com a mulata. Azevedo coloca outro aspecto interessante sobre a questão da mestiçagem nesse ponto, pois, assim como Bertoleza, Rita Baiana prefere o português ao mulato, por conta de sua superioridade racial, mas isso funciona de uma maneira instintiva, e não

---

<sup>93</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 143.

racionalizada: “O sangue da mestiça reclamou seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o maço de raça superior.”<sup>95</sup>. Assim como o desejo de Jerônimo por Rita também funciona de maneira instintiva, pois o mesmo, sob efeitos da natureza, via na mulata o prazer e a luxúria.

Podemos considerar a união de Jerônimo e Rita como o estágio de degradação final do seu ser, tendo em vista que é a partir daí que Jerônimo suas últimas lembranças de sua pátria apagadas por Rita, como coloca Azevedo. Jerônimo agora pouco trabalhava; não tocava mais sua guitarra portuguesa, somente o violão baiano; comia somente comida brasileira; fumava cachimbo e bebia todos os dias. Além disso, deixou de pagar o colégio de sua filha e de visitá-la, pois se sentia envergonhado de sua condição. Aluísio de Azevedo expõe que Jerônimo sentia remorso e reconhecia que os erros de sua conduta, mas não podia pensar em se separar de Rita Baiana, novamente por conta do ímpeto animal, que aparece como força motriz das ações do português. Sendo assim, a degradação de Jerônimo é completa, se tornando um completo brasileiro e refém de seus instintos.

*“O português abraçou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém.”<sup>96</sup>*

Jerônimo é um personagem que sugere padrões e certas ideologias da sociedade do século XIX. Como vimos nos trechos apresentados e nas problemáticas, esses padrões dizem respeito ao trabalho, à família e a moralidade, no geral. A sensualidade, então colocada na figura de Rita Baiana, aparece como sendo depreciativo e negativo, justamente por tirar o lado racional do ser humano e fazer com que o mesmo seja guiado por seus instintos animais. Além disso, os padrões acerca do trabalho e da família seriam como se ambos fossem sinônimo de algo moralmente correto. Jerônimo, antes de sua transformação, ou seja, quando ainda era um homem digno e descente, aos

---

<sup>95</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 56.

olhos da obra, tinha como principais características afirmativas dessa dignidade seu casamento e seu trabalho. O que tornou Jerônimo decadente foi justamente deixar esses itens de lado, passa a ser um mau exemplo quando deixa sua mulher e se entrega aos instintos selvagens, deixando de pensar, principalmente em sua família, largando sua esposa e filha, e se tornando um trabalhador preguiçoso e vicioso.

### **Considerações finais**

O livro *O cortiço* (1890), assim como toda e qualquer obra literária, expressa, por pretensão ou não de seu autor, conflitos e estruturas sociais da qual ele está inserido. Nesse caso, Aluísio de Azevedo traça um panorama do Brasil e de sua sociedade através de uma linguagem cientificista e determinista, que ele encontra e se identifica dentro da corrente naturalista. É importante lembrar a consonância dessas ideias com a ascensão do positivismo e do darwinismo social, sendo que as mesmas eram utilizadas como um método de análise social. Dentro da corrente naturalista, Azevedo consegue ter a liberdade de utilizar esses métodos em seu livro, fazendo críticas e expondo problemas vividos por aquela sociedade.

Quando o olhar é voltado para a vida de Aluísio de Azevedo, é perceptível e inegável a contribuição do contato que ele teve desde o início de sua vida com esses ideais científicos, assim como podemos perceber como se dá sua comunhão com eles. Apesar de se inspirar no francês Zola, Azevedo usa os preceitos deterministas de maneira única, expressando problemas que não poderiam ser vividos em outro lugar se não no Brasil, como é o caso da imigração portuguesa. A obra é norteadada por essa imigração, onde Azevedo expressa sua ferrenha crítica à esses imigrantes e sua maneira de interação econômica.

A afirmação que podemos fazer é de que, com toda certeza, Azevedo utiliza o meio como determinante e as outras formas cientificistas veiculadas em seu tempo, para expor ao leitor o conflito de interesses presente em uma sociedade no início de sua modernização, tendo em vista que a mesma estava passando por diversas mudanças estruturais, políticas e econômicas. Aluísio de Azevedo era um homem que acreditava naquela ciência e na ideia de um progresso aos moldes positivistas, além disso, como naturalista, acreditava no

homem como um produto biológico, altamente influenciável pelo seu meio social e natural.

Azevedo exprime ao longo de todo o livro questões e elementos que fomentam o debate sobre a mestiçagem e a decadência do homem pelo meio. Podemos ver isso altamente expresso na figura de Rita Baiana, que, segundo a construção de Azevedo, não gosta de trabalhar, é festeira, sensual e inconstante pelo fato de ser mestiça. A mestiçagem aparece como degradante, o brasileiro é degradante, dentro da obra, pois isso é determinado por sua natureza: o clima quente, o sol forte, a fertilidade do solo e a diversidade da flora e da fauna são fatores responsáveis por essa degradação.

Os determinismos, principalmente o geográfico e o genético, então, se tornam fundamentais para entendermos Jerônimo. Considerado um indivíduo de raça superior, o mesmo decai ao ser arrebatado por Rita Baiana, representação viva e atuante da natureza brasileira. Uma natureza que se impõe, que seduz e é cruel, elemento principal e determinante, pois é ela que tira Jerônimo de seu eixo, é ela que o transforma, faz com que ele se apegue em vícios, se torne preguiçosos e deixe de viver uma vida serena ao lado de sua esposa, que também, assim como sua filha, sofre os efeitos devastadores da natureza brasileira não domada por ele.

### **Fontes e Bibliografia**

AGIBERT, Cibele P. *O cortiço de Aluísio de Azevedo (1890): relações entre ciência e literatura*. São Paulo: PUC-SP, 2010.

AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

BECELLI, Ricardo S. *Tensões no pensamento racial – Silvío Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna*. Universidade de São Paulo, 2009.

BOSI, Alfredo. *Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária*. Teresa, nº 1, 2000.

BRESCIANI, Maria S. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

- CANDIDO, A. *De cortiço a cortiço*. Novos Estudos CEBRAP, nº 30, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CHALLOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Algés – Portugal: Difel, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.
- KLEIN, Herbert S. *A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX*. Revista brasileira de estudos de população. São Paulo. Volume 6, nº 2, 1989.
- LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo – vida e obra (1857-1913) – O verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro/Brasília: Espaço e tempo/INL, 1988.
- MONTE, Ana C. *O naturalismo em L'Assommoir, de Émile Zola e O cortiço, de Aluísio de Azevedo*. Universidade do Algarve, Faro, 2012.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017
- SANTOS, Kassandra N. R. *Uma leitura do naturalismo nos romances Germinal, de Émile Zola e O cortiço, de Aluísio de Azevedo*. Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora brasiliense, 1999.

SOUSA, Ricardo A. *Natureza e Sensibilidade na História Oitocentista*. XXVII *Simpósio Nacional de História*. ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. RN, Natal, 22 a 26 de julho de 2013

SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.